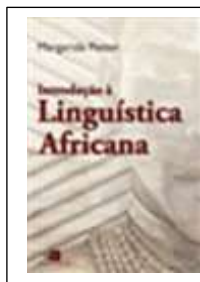


INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA AFRICANA

Juan Rodrigues da Cruz (SME-RJ)

juan.cruz@rioeduca.net



PETTER, Margarida (Org.). *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2015.

<https://www.editoracontexto.com.br/prduto/introducao-a-linguistica-africana/1496548>.

Lançado em 2015, *Introdução à Linguística Africana* tem como ponto de partida a ausência de recursos bibliográficos em português brasileiro sobre a Linguística Africana, área que recebe pouco destaque a nível universitário em nosso País. Nisso há algo de contraditório, haja vista a reconhecida contribuição de idiomas falados na África, de diversos troncos e famílias, para a formação de nosso idioma. Logo, entende-se a intenção dos autores em preencher lacunas. Este trabalho pretende reseñar a obra e destacar seus pontos positivos e negativos.

O livro, organizado por Margarida Petter, professora livre-docente aposentada da Universidade de São Paulo na área de Linguística Geral e Africana, é composto por oito capítulos, escritos por pesquisadores com ampla trajetória acadêmica, ligados a diversas instituições brasileiras. Desses oito, Petter tem seu nome creditado como autora em três deles, além de também ser responsável pela introdução da obra. Convém indicar que Petter é professora de Linguística Africana, tendo formado diversos mestres e doutores na área, logo, ela tem domínio acerca do tema.

Linguística Africana inicia com um curto prefácio escrito pelo professor José Luiz Fiorin, um dos linguistas brasileiros mais produtivos na contemporaneidade. Nele, Fiorin traça um comentário sobre a formação da nação brasileira, evocando os mitos da criação do Brasil propostos por escritores românticos, os quais ignoram a contribuição africana para a nossa sociedade, símbolo do apagamento e silenciamento desse contingente de nossa população, o que evolui para o apagamento do papel das línguas africanas na construção do português brasileiro e, também, para a

nossa própria sociedade e cultura: uma possível discriminação, já que o continente africano tem riquíssima diversidade linguística. Convém destacar que autores como Wehling (1999) já indicam que a sociedade brasileira, nos tempos da Colônia, tinha três bases: os portugueses, os indígenas nativos da costa descoberta e, por fim, negros – grande parte dos quais escravizada. Cada um desses grupos deixou suas marcas no idioma falado aqui, que progressivamente distanciou-se daquele usado na Metrópole. Tal recordação histórica é essencial para entender os motivos do desprestígio da linguística africana, indicado anteriormente, encontrado em nosso País.

A *Introdução* de Margarida Petter traça outro comentário sobre a história mundial, referindo-se especialmente ao século XV, quando teve início a descoberta progressiva do continente africano e, também, de sua riqueza linguística. Isso motivou a realização de estudos em diversos idiomas, apesar de aqueles por pesquisadores portugueses ou brasileiros estarem em diminuto número, apesar dos estreitos laços culturais e econômicos entre África, Brasil e Portugal. A autora também traça comentários sobre o binômio *língua x dialeto*, e também sobre o “descobrimento” de novas línguas na África a partir de trabalhos de descrição e documentação, em contramão à queda no nível de vitalidade de outras, devido a fatores tais como queda no número de falantes. Por fim, a autora apresenta uma discussão, até onde se sabe inédita no Brasil, sobre as formas de se referir às línguas africanas²⁰, com detalhada apresentação dos endônimos e seus correspondentes em inglês, francês e português. Tal introdução é importante uma vez que motiva reflexões iniciais no leitor.

Uma retrospectiva é também o foco do primeiro capítulo do livro, *Linguística Africana: Passado e presente*, de Margarida Petter e Paulo P. Araújo. Os autores apresentam um histórico dos estudos de Linguística Africana, bem como uma periodização deles, remontando aos tempos da descoberta do continente africano e o choque, por parte dos colonizadores, com a diversidade linguística nele encontrada, no século XV. Abordam, entre outros, a metodologia do trabalho de descrição linguística e algumas publicações sobre a área, todas do século XX. A periodização apresentada é fundamental, pois também apresenta comentários sobre as opiniões mundiais voltadas à África e seus reflexos na linguística, tais como a produção de diversos tratados de descrições de diversas línguas, com as *Artes da Língua*. Merece destaque a apresentação de várias esco-

²⁰ Caso de “iorubá”, que pode ser escrito de diversas formas: *yorubá*, *yoruba*, *ioruba*, *iorubá*.

las de pesquisa, que no século XX impulsionam o desenvolvimento de estudos sobre línguas africanas. O capítulo termina com a apresentação do panorama atual dos estudos em linguística africana, sempre indicando pesquisadores e trabalhos de destaque na área.

Margarida Petter é autora também do terceiro capítulo da obra, *Classificação das línguas da África*, o qual debruça-se sobre a questão dos troncos e famílias linguísticas²¹, sendo as línguas usadas como critério de fazer distinção entre povos. Sendo o continente africano extremamente miscigenado, tal tarefa não é impassível de falhas, apesar de as tentativas de classificá-las contribuir para um melhor entendimento sobre as relações estabelecidas entre povos. A autora apresenta os diversos critérios para classificação de línguas: o tipológico, o genético e o geográfico/areal, sendo o genético o mais significativo uma vez que auxilia a entender os graus de parentesco entre línguas, levando em consideração os demais critérios. Há apresentações de troncos linguísticos (e de suas características comuns) e das línguas que fazem parte de cada um deles. A autora inclui mapas bastante detalhados, o que contribui para o entendimento do conteúdo e sua fixação por parte do leitor.

Fonologia, quarto capítulo da obra, é o primeiro em que aspectos relativos à estrutura interna das línguas serão abordados. Escrito por Francisco da Silva Xavier, ele inicia com uma apresentação sobre o ramo da Fonologia, e suas relações com o da Fonética, indicando como foco de sua fala os traços fonológicos que mais têm chamado atenção de especialistas na contemporaneidade, sobre as línguas africanas. Aqui, Francisco aborda aspectos como a influência entre línguas africanas e teoria linguística, características de seus sistemas vocálicos e consonantais, estabelecendo comparações entre características encontradas nos falares africanos e naqueles de outros locais do mundo. Destaca-se a apresentação de traços que são encontrados com maior presença nas línguas africanas (isto quando não estão presentes somente nelas), como consoantes implosivas, labiovelares e os cliques (consoantes veláricas, que soam como um estalido feito com a boca). O autor também apresenta conceitos como tom, rebaixamento tonal, acento e sílaba, de modo extenso e detalhado.

Cleonice Candida Gomes e Bruno Okoudowa são autores do quinto capítulo, que versa sobre características morfológicas das línguas africanas, trazendo dados sobre diversas delas. Eles apresentam uma concei-

²¹ Interessados na área podem consultar, como complemento, *Linguística Comparada e Tipologia*, de Bossaglia (2019).

tuação de *morfologia* e suas áreas de pesquisa, com riqueza de exemplos para embasar, por exemplo, como afixos, em algumas línguas africanas, são usados para indicar flexões nominais de número e tempo. Há a apresentação dos conceitos de circunfixos, infixos e suprafixos, além dos morfemas descontínuos, comuns às línguas africanas. Da página 136 à página 156, há uma profunda compilação de dados sobre os processos de composição de palavras e processos de flexão e derivação, sempre com exemplos comentados.

Das páginas 159 a 191, encontramos o sexto capítulo de *Linguística Africana*, o qual se debruça sobre semântica e sintaxe. Escrito por Dayane Cristina Pal e Paulo P. Araújo. A análise dos autores recai sobre seis temas, por eles selecionados devido à riqueza de informações disponíveis e à impossibilidade de abordar todos os temas relacionados a tais áreas. Os autores apresentam comentários, entre outros temas, sobre a construção frasal nas línguas africanas, que de forma geral seguem o esquema *SVO* (sujeito + verbo + objeto), comum à maioria das línguas faladas no mundo. Destaca-se, além disso, a apresentação de conceitos gramaticais únicos às línguas africanas: a logoforicidade (um sistema de correferência pronominal encontrado na maior parte das línguas faladas no continente) e os ideofones, espécie de palavra-imagem, cujo entendimento pode ser difícil para falantes de línguas indoeuropeias, tipo de onomatopeia que indica qualidades de algo. Os paralelos traçados por Dayane e Paulo entre as línguas africanas e aquelas faladas noutros lugares merecem destaque, uma vez que mostram aos leitores a riqueza daquelas, apesar do apagamento já mencionado que sofrem.

Margarida Petter assume a autoria do próximo capítulo, o qual detalha como as línguas estão presentes no contexto social africano pós-colonial. A autora embasa seus pontos em momentos históricos, já que evolução do colonialismo e a partilha da África no século XIX tiveram impactos sobre as línguas, causando reorganizações sociais: línguas que antes eram usadas por grupos em todos os contextos passaram a desenvolver menos funções, sendo as línguas dos colonizadores imposta – o que facilitaria, também, relações de comércio, e facilitaria a administração colonial. São traçados comentários sobre línguas que desempenham papel oficial²², sempre com exemplos detalhados e fundamentados, também, em informações históricas, demonstrando a interdisciplinaridade de *Linguística Africana*. Entre as páginas 203 e 207, a autora aborda a ques-

²² Há duas obras cuja leitura pode complementar as informações aqui citadas: Lagares (2018, p. 49-121) e Rodrigues (2011).

tão do planejamento linguístico e suas minúcias, tais como a padronização linguística e a necessidade de codificar línguas sem tradição escrita, que necessitariam de um sistema ortográfico padrão para a difusão e manutenção das línguas e da identidade dos povos que as falam. Merece destaque o comentário feito sobre a questão do contato linguístico. Esse fenômeno, para a autora, explica porque, por exemplo, os cliques consonantais, que são comuns ao tronco coissã, podem ser encontrados em outros idiomas.

Iniciado na página 221, oitavo capítulo da obra, apresenta o modo como as línguas africanas estiveram (e estão) presentes especificamente no contexto social brasileiro, uma vez que nosso país teve importante participação no movimento afrodiáspórico, principalmente devido ao tráfico de pessoas escravizadas - convém lembrar que lideramos o triste *ranking* de países que mais receberam indivíduos nesta condição, o qual também foi responsável pelo contato de línguas de diversas famílias e troncos. Nesse contexto, Margarida Petter e Ana Stela Cunha apresentam uma detalhada cronologia dos ciclos da escravidão, relacionados a momentos como a corrida do ouro no século XVIII. A inclusão de um subcapítulo, entre as páginas 226 e 232, sobre documentos referentes às línguas africanas pelos escravizados no Brasil Colônia ajuda o leitor a entender um pouco o conceito de racismo linguístico, uma vez que aqueles são raros. As autoras também traçam um comentário sobre o contato linguístico traçado entre línguas africanas e o português brasileiro, o qual foi responsável pela adoção, pelo português, de inúmeros termos, tais como *abadá*, *moleque*, *muvuca*, *muxiba*, entre outros, originados de diversas famílias linguísticas autóctones africanas.

Encontra-se no último capítulo obra, de certa forma, um desdobramento do oitavo. *Línguas africanas no candomblé*, escrito pela Iyalorixá do Ilê Axé Iya Oloxum Iya Monadeosi (Ribeirão Pires/SP), aborda os usos das línguas em ambientes religiosos. Há uma definição do conceito de *nação* para religiões afro-brasileiras, contextualizada no momento sócio-histórico em que nosso país se encontrava. Monadeosi apresenta termos de origem africana que são usados em momentos de comunhão e rituais, onde o português brasileiro segue sendo usado como língua de comunicação, ainda que impregnado por traços encontrados tipicamente em línguas africanas. É possível que, para pessoas leigas ou não associadas a práticas religiosas africanas, o emprego de algumas palavras ou estruturas possa ser incompreensível, ainda que para os nelas iniciados seu conhecimento seja indispensável para revelar *status* nas comunidades.

Entre as páginas 266 e 278, a autora indica quatorze palavras amplamente usadas em tais contextos, com detalhadas explicações semânticas. Essas incluem *orixá*, *axé* e *exu*.

Linguística Africana... é uma obra extremamente detalhada e aprofundada, o que não significa que ela seja difícil de ler e/ou assimilar. Todos os autores usam linguagem acessível e de fácil entendimento, até mesmo para o público leigo nos estudos linguísticos, o que contribui para o didatismo da obra, que assim serve como um excelente recurso de aprendizagem. Além disso, as comparações feitas por eles entre línguas africanas e as faladas em outras regiões faz um bom uso do arcabouço teórico da linguística comparativa, contribuindo para o ineditismo da obra. A riquíssima bibliografia apresentada ao longo da obra (que ocupa quase quinze páginas) também é útil para que o leitor possa formar sua própria base de dados sobre o assunto. Há indicações de recursos em várias línguas, incluindo o português, logo, não é necessário dominar um idioma estrangeiro para fazer proveito das informações propostas. Todos os autores que contribuem para a obra têm ampla formação e atuação em estudos linguísticos, logo, demonstram domínio acerca do que apresentam.

Por fim, creio que *Introdução à Linguística Africana* merece destaque pela riqueza de informações, de fato preenchendo as lacunas deixadas nessa área de pesquisa em nosso país, podendo inclusive ser um meio de reparação histórica ao apagamento e racismo que os povos africanos aqui sofreram ao longo de nossa história. Assim, a obra só pode contribuir para a formação de uma nova geração de pesquisadores, que podem por sua vez desenvolver novos estudos e preencher outras lacunas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSAGLIA, Giulia. *Linguística comparada e tipologia*. Coordenação de Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Júnior. São Paulo: Parábola, 2019. (Coleção Linguística Para o Ensino Superior, vol. 9)

LAGARES, Xoán Carlos. *Qual Política Linguística? Desafios Glotopolíticos Contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018. (Linguagem, vol. 82)

PETTER, Margarida (Org.). *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2015.

RODRIGUES, Ângela Lamas. *A Língua Inglesa na África: Opressão, negociação, resistência*. Campinas-SP: Unicamp, 2011; São Paulo-SP: Fap-Unifesp, 2011.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. *Formação do Brasil Colonial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.